

O Progresso Catholico

«... sequor autem, al quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«...ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.



JOANNA D'ARC

ESTATUA LEVANTADA NA PRAÇA PRINCIPAL DE COMPIEGNE

SUMMARIO: *Joanna d'Arc; Aos amigos do «Progresso Catholico», pelo Dr. José Rodrigues Cosgaya.*—Secção Religiosa: *Vimaranenses*, por Dom António d'Almeida; *Saudação dirigida aos parochianos da freguezia Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa pelo seu novo parochio, o presbytero Antonio Joaquim da Rocha Espanca, no acto da posse da mesma freguezia.*—Secção Scientifica: *O diabo e as suas obras*, pelo Dr. D. Salvador Casañes y Pagés.—Secção Historica: *Influencia dos Papas e dos Arcebispos de Braga sobre a instrucção em Portugal*, pelo Abbade de Tagilde, Padre João Gomes d'Oliveira Guimaráes; *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 98.*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada.—Secção Necrologica.—Retrospecto, por R.

Gravuras: *Joanna d'Arc; Eyreja e Capella de S. Francisco, em Guimarães.*

Joanna d'Arc

No seculo XV, a França, pela unanimitude do rei e desunião dos vassallos, viu-se invadida pelas tropas inglezas, que por mais uma batalha contavam mais uma victoria, mais uma conquista. As principaes cidades, incluindo a propria capital, passaram ao dominio estrangeiro. Certo, a passo largo, progredia a grande nação para a perda completa de sua autonomia, se lhe não viesse em auxilio, não um grande exercito ou um notavel general, mas uma donzella humilde, nascida em Domrémy, na Lorena, no anno de 1412. Foi a celebre Joanna d'Arc, reproduzida em nossa gravura.

Modêlo de proceder christão desde a infancia, alegre e assidua no trabalho, era a todos, na destreza de fiar, coser e da faina agricola em que se empregavam seus humildes paes, incitamento continuado e valiosissimo. Dada sinceramente á oração, assistia quotidianamente á Missa, recebia com frequencia a communhão, sabendo attender sabiamente ás aspirações da alma e ás necessidades temporaes. Pobres como eram seus paes, não houve ensejo de permittirem que Joanna aprendesse a ler e a escrever.

Eleita por Deus para empreza muito diversa da que levára na infancia, apresentou-se aos dezeseis annos, abandonando a occultas o lar paterno, ao capitão Baudricourt, em Vaucouleurs, e affirmou-lhe que «Deus a mandára á presença do delphim para promover-lhe a sagração, sem embargo da opposição dos inimigos da patria.»

Baudricourt julgou-se deante d'uma demente, e ordenou a esbofeteassem os soldados e a reconduzisse ao pae. Um d'elles porém, João de Metz, melhor inspirado, offereceu-se-lhe para a acompanhar aonde estava o rei.

Nada impedia a impetuosa donzella no desempenho de sua divina missão. «Tivera eu, dizia, cem paes e cem mães e fora filha do rei, nem por isso deixára de caminhar ávante.»

Na presença do delphim, a quem, sem jamais o ter visto, reconheceu entre 300 cavalleiros, affirmou «que o Rei dos Ceos por ella lhe mandava dizer que seria sagrado e coroado em Reims e elle era o logar-tenente do

Rei dos Ceos, verdadeiro rei da França.»

Periodo bem diverso começou para as armas francezas. Joanna, feita generalissimo do exercito, levou-o de combate em combate á conquista da gloria. A tomada de Orléans, em 8 de maio de 1429, por ventura o feito mais portentoso d'estas luctas heroicas, gravára para sempre o nome de Joanna—a *Pucella*—n'uma das mais brilhantes paginas da historia franceza.

«Joanna parte, disse Monsenhor Pie, e Orléans, sitiada por oito mezes, suada e leva em triumpho aquella que vem em nome do Senhor. O que os mais experimentados e intrepidos guerreiros não conseguiram em sete mezes, realizou-o Joanna em sete dias; que digol tres dias de combate bastaram a pôr o inimigo em vergonhosa retirada! Heroína inspirada, ella prophetisa a victoria, e a victoria obedece á sua voz. Em nome de Deus, exclamava a joven, é preciso guerrear os inglezes; embora os transportassem as nuvens, n'ellas mesmas os haviámos de perseguir.

«Jargeau é libertada; os campos de Patay estão juncados de cadaveres; o exercito inglez é dispersado por todas as partes; seus mais afamados chefes caíram mortos e captivos, ou fugiram cobardemente. Joanna, a heroína christã, vóa de triumpho em triumpho.» Montada no seu cavallo de batalha, vestida de ferro dos pés á cabeça, parece o anjo do exterminio perseguindo os inimigos da França. Reims abre as suas portas, e o pontifice do Senhor unge com o oleo sancto a fronte do que Deus escolhe para em seu nome governar um grande povo.

Quem a unia tímida pastora, a uma pobre e humilde camponeza, incutiua coragem imperterrita dos mais celebrados guerreiros? Aquelle que é o Senhor dos senhores, o Rei dos reis, o Deus dos exercitos.

Deus, olhando compassivo para a França, oppoz aos inimigos poderosos apenas o braço d'uma donzella. Joanna, entre as arvores da sua aldeia, ouviu a voz do céu a revelar-lhe a alta empreza que lhe era confiada. Era o Archanjo S. Miguel; eram Sancta Catharina e Sancta Margarida. Já não admira ver-se a natural fraqueza feminina transformada na heroicidade de Judith ou Débora. A patria é libertada,

por que se reanimou o valor d'um exercito á voz d'uma mulher elevada por Deus á sublimidade de redemptora.

Ao entrar Joanna no castello de Chinon para ver o rei, um soldado insultou e blasphemou de Deus. Joanna predisse-lhe a morte, e a morte sobreviou uma hora depois.

No cêrcio de Orléans, Glasdale, chefe inglez, insultou-a; Joanna prophetizou-lhe a morte, e Glasdale, n'aquelle mesmo dia, morreu afogado no Loire.

No assalto de Jargeau, disse Joanna ao duque de Alençon: *Retirai vos d'ahi para que vos não mate aquella machina de guerra.* O duque retirou-se, e, momentos depois, o sr. de Lude foi morto porque se postou no logar do duque.

No coração de Joanna, dois grandes amores se inflammaram em ardor heroico: foram o amor da patria e o amor de Deus. «Encontramos, diz Monsenhor Richard, este caracteristico do patriotismo de Joanna durante os tres annos da sua missão libertadora. O seu estandarte tem, com a divisa sagrada dos dois nomes immortaes—*Jesus e Maria*—a imagem de Deus, assentado sobre as nuvens, abençoando a França, symbolisada nas flores de liz que dois Anjos lhe apresentam. Joanna amava a sua espada, mas amava quarenta vezes mais o seu estandarte, que para ella era o signal da victoria.

«O heroismo guerreiro unia-se em Joanna á mais terna compaixão. Jamais viu correr sangue de francezes sem que se lhe não levantassem os cabellos na cabeça. Levava ao combate os cavalleiros e os soldados, animando-os com o estandarte na mão, mas jamais feriu ou matou alguém. A homenagem por ella prestada ao rei na cathedral de Reims, consubstancia toda a sua missão. Carlos VII acabava de receber do arcebispo a corôa e a sagração unção, quando Joanna se lhe lança aos pés e diz-lhe: *Gentil rei, eis que se realisou agora a vontade de Deus, pois sois verdadeiro rei e aquelle a quem o reino deve pertencer.*»

Um dia a *Pucella* pediu ao rei que concedesse uma graça. Disse-lhe que sim o rei, e Joanna pediu então que fosse dado o reino de França. O rei, não sem hesitação, cumpriu a palavra. Joanna exigiu que d'isto se lavrasse documento solemne para ser lido pelos

quatro secretarios do rei. Senhora e possuidora então do reino de França, depôl-o nas mãos de Deus Omnipotente, e obrando em nome de Deus, investiu o rei Carlos do reino de França, mandando lavrar a acta competente.

«Só durarei um anno, dizia ella, e importa aproveitar bem este anno.» Ah! e o mez de maio que a viu triumpante em Orléans não voltaria senão para a ver captiva em Compiègne (24 de maio de 1430) e vendida por um traidor infame aos inglezes!

Conduzida a Ruão, foi posta n'um carcere tenebroso, de cadeias aos pés. com sentinellas á vista. Para a deshonrar, foi creado um tribunal, sob a presidencia de Cauchon, um prelado que foi o labeu da sua classe.

Bem diz Monsenhor Richard «que muitas vezes entra nos secretos desígnios da Providencia sanctificar pela perseguição e o soffrimento aquelles que elegera para a execução de suas vontades. A missão de Joanna devêra ser coroada pela dôr.» Sem ninguem que a defendesse, viu-se a *Pucella*, á semilhança de Jesus, exposta ás diatribes d'um tribunal iniquo, e por fim condemnada a morrer na fogueira, toucada com uma mitra de papel, onde se liam estas palavras: *Heretica, relapsa, apostata, idolatra!* No remate do sacrificio soltou estas ultimas palavras: *S. Miguel! S. Miguel! Não, as minhas vozes não me enganaram, a minha missão era de Deus. Jesus! Jesus!*

Contava então dezenove annos.

A torpe sentença de Ruão foi annullada pela revisão do processo, ordenada pelo Papa Calisto III, declarando os juizes (11 de junho de 1455) que o *dolo, a calumnia, a iniquidade, a contradicção, erros manifestos, tornam a condemnação nulla, sem valor, sem autoridade.*

A enviada do céo obteve porém sua melhor justificação no preito do povo francez que sempre lhe venerou a memoria, na festa solemne que annualmente celebram os habitantes de Orléans, e mais que tudo, em 21 de janeiro do anno corrente, em que Sua Sanctidade Leão XIII assignou por sua propria mão a commissão da introdução da causa da *veneravel serva de Deus, Joanna d'Arc, Virgem.*

A esta gloria da Egreja, presta hoje a França e o mundo a mais significativa homenagem, e nós esboçando aos leitores n'uns brevissimos traços o perfil mais saliente d'uma heroína christã, damos-lhes occasião de admirarem uma grande verdade, contestada talvez por vis apaixonados, mas comprovada pelos seculos, «que o amor de Deus e o amor da patria brotam, sempre unidos

e sempre vehementes, do mais intimo dos corações bem formados.»

Aos amigos do «Progresso Catholico»

do cortezão visitar os amigos seus, que accusam ter chegado a côrtes, offerecer-lhes os seus serviços e dar-lhes os parabens por ter arribado sem incommodo.

Deu-nos a imprensa conta de ter apparecido nos seus luminosos horisontes os nossos bons amigos da nova direcção e redacção do esperançoso *Progresso Catholico*; e do meu dever é dar-lhes um abraço de bem vindos.

Cã o tem; e apertadinho.

Tambem lhes direi, como a cortezania exige, que estou da melhor vontade ao seu dispôr: mas depois, baixinho e á parte, dir-lhes-ei: vejam no que me occupam porque... para pouco ou nada sirvo.

Certo é que sinto as sympathias, que me vão na alma e aquecidas as veias pela sua phosphorescencia, até faço versos; o que não admira, porque, aquecidos nas sympathias pela primavera, até os grilos cantam.

Ora agora na minha sinceridade confesso publicamente, que o progresso sempre me foi sympathico quando verdadeiro e o seu, se catholico, não pôde ser falso por ser o catholicismo eterna verdade.

Mas topei com um osso que me vae engasgando; o eterno não progride, porque é estatico e immutavel.

Como então fallamos de progressos catholicos, se o catholicismo como sistema de moral salvadora sahiu completo, perfeitoissimo dos labios, e, melhor diremos, do coração, do Redemptor?

Mas, ah! estou salvo; não engasgo d'esta vez.

O catholicismo em si, na sua essencia salvadora, nos seus preceitos sapientissimos, nos seus dogmas sublimes, nos seus sacramentos santos e santificantes nasceu perfeito: mas na sua forma, no seu exterior social, no seu apparato, nos seus vestidos e adornos, na sua disciplina de combate tem mudado e progredido sempre no decorrer dos seculos, recolhendo a toda a hora louros em quantas batalhas tem luctado.

E mais ainda com respeito a nós como individuos, familia ou sociedade, pôde progredir mais ou menos, segundo

mais ou menos occupa nossa mente e nosso coração.

Ora portanto estamos d'accordo no honrosissimo lemma da sua gloriosa bandeira, e podem estar certos das sympathias que por elle sinto: o que não admira, porque á sombra salutar d'esse lábaro santo nasci e cheguei a ser velho, aspirei perfumes e desejei sempre respirar aromas, deparei balsamos, quando ferido pela dôr, mansas alegrias para matar turbulentas máguas, luz para espancar medonhas trevas, caridade para perdoar e alcançar perdão, motivos de fé, que me deixa ver ao longe horisontes alumiados pelos reflexos da divindade n'um remanso de paz e de alegria, que por instincto racional imos buscando.

Não admira, porque desde que pendia do collo maternal até agora, me bafejou rica e brandamente a crença, e, como me fóra sympathica sempre, sempre levado por superior instincto soube abeirar-me das lareiras, onde esse fogo santo melhor ardia, porque, onde elle se apaga, eu logo sinto frio e até arrepios.

Desculpem meus caros a insipidez d'estas minhas individualidades que appareceram aqui sómente como mimos um tanto de criança, que quiz significar aos amigos do *Progresso Catholico*.

Vós, meus carissimos collegas, estae empenhados na mais gloriosa das campanhas sem duvida—o *progresso catholico*.

Procurando que a patria progrida no catholicismo, fazeis a obra mais meritoria e patriótica, mereceis para o tempo e para a eternidade e daes ao patriotismo o seu verdadeiro matiz e o tornaes ao esplendor das suas verdadeiras glorias.

Mas tende em conta que a tactica nos combates carece adaptar-se ás necessidades do tempo e do lugar.

Louvido Deus, já lá vão os dias escurissimos em que era entre nós de summa necessidade espalhar luz d'auroas evangelicas, que foram assombradas pelos negrumes de infernal tempestade.

Fez-se já luz, muita luz catholica, e se por desgraça não penetrou ainda nos outros, é certo que vae modificando a atmosphaera pouco e pouco com o ar que vão aspirando, virão ao nosso arraial os proprios inimigos convictos d'esta verdade—*sómente o bom catholico pôde ser bom portuguez.*

E' porém de absoluta necessidade que trabalhemos porque se realice um movimento genuinamente catholico de concentração.

O nosso exercito conta, temol-o visito, com muitas e valorosas forças e se tornará vencedor invencivel no dia e

hora em que a voz d'um general habil e valoroso as veja unidas.

Quebremos pois lanças d'amor e de abnegação para que esse momento chegue nos nossos dias.

Eis o meu desejo.

Dr. José Rodrigues Cosgaya.

SECÇÃO RELIGIOSA

Vimaranenses!

No estado de abatimento moral em que se acha a *Sociedade* sam a esta muito salutareos os grandes salutariferos choques catholicos, como ha pouco foi a celebração dos *cincoenta Annos do Apostolado da Oração* com os seus cem mil Peregrinos aos santuarios do *Bom Jesus* e do *Sameiro*: Jesus e Maria! E' proprio do zelo catholico não dormir sobre os *Louros collidos*; as *delicias de Capua* sam para o *Annibal das cousas profanas e do Mundo*. Vamos todos, *Vimaranenses e não Vimaranenses*, fazendo nossos esforços de fervor catholico para que na christã e Vetusta *Guimarães*, na Terra natal do Papa São Damaso, seja celebrado, como *aliás esperamos*, o *Primeiro Congresso Eucharistico* em Portugal; se Braga se Gloria do *Titulo de A Roma Portugueza*, realiado que seja em *Guimarães* o designado *Congresso* adquirirá aquella cidade o não menos Glorioso *Titulo de Cidade Eucharistica*! Turim é chamada *Do Santissimo Sacramento*! Na Sé-Cathedral de Turim está depositado *O Sudario* em que foi envolto *O Corpo do Homem-Deus*! Por *Mercê Celeste* orei lá, sendo-me difficil dizer quantas vezes. A vida temporal é curta e assim é mister que trabalhemos a *vapor* para que ganhemos *O Céu*, que devemos procurar ser o *terminus* de nossa viagem a *vapor* «mediante *o Divino Favor!*» Estamos antevendo a *Cidade Vimaranense* toda em gala e com um movimento extraordinario nos dias do *Congresso Eucharistico*! Uns, visitando a cidade que nunca tinham visto, outros, revendo-a depois de maior ou menor intervalo, e todos dizendo: *Graças a Deus!* por nos acharmos aqui e em homenagem ao *Sacramento da Eucharistia*, *Presença Real do Redemptor e Medianeira Constante* para a obtenção das *Divinas Graças e Misericordias*, ante *Seu Eterno Pai!* Se *algun* disser de estas linhas: *temos Sermão*, não protestarei contra tal *asserção*, pois que não sendo *Pregador* posso e devo repetir o que dizem *Os Pregadores*. Que *Grandesa* e que *Excellencia* a *Do* que nos ensina e lembra o que é *A Verdadeira*

Doutrina! Diz n'um dos seus *Escriptos* *Santa Theresa de Jesus*: «*Daria eu mil vidas para que podesse ser «Pregador!»*»

Bens *Espirituaes e temporaes* receberá *Guimarães* promovidos pelo *Congresso Eucharistico*; e dos *temporaes* até muita *pecunia* embora haja quem diga que *Guimarães* é a *Terra de Portugal mais endinheirada*. De certo não será por um *calculó á Judas* que *Guimarães* se decidirá ao *Congresso Eucharistico*, mas, sem offensa dos seus *Sentimentos Catholicos*, poderá receber os *justos preços*, sejam vindos *extraordinariamente* e em *reciprocidade* de seus *Habitantes*; sejam os *justos preços* recebidos dos milhares de *peçoas idas* ao *Congresso Eucharistico* como *Membrós Activos de Este*, ou como *Assistentes aos Actos Publicos do Mesmo* segundo a *praxe estabelecida* nos *Congressos Catholicos*. O *Programma do Congresso Eucharistico*, que será submettido ao *juizo e approvação* de Sua *Excellencia Reverendissima* o *Sr. Arcebispo de Braga*; o *Programma*, repetimos, será *Inspirado do Céu* (como *piamente crêmos*) e saberá *atender todas aquellas devidas circumstancias* esperadas e as não calculadas de modo que os *membros activos* e os *assistentes* se poderão dizer *Congressistas Eucharisticos*, e assim *todos* se sentirão *magamente Gaudiosos*. Os *cem mil* do *Bom Jesus e do Sameiro* não fizeram *Acta* para que uma *tal cifra piedosa* se não podesse reproduzir, o que seria como que *protestar contra O Progresso Catholico!* Bom desejamos, que na *chronologia dos Congressos Eucharisticos*, depois do *verificado* em *Jerusalem*, e do *reunido* em *Valencia* na *Hespanha*, seja o *terceiro* o de *Guimarães*; diz-se *que: poder é querer*; *Guimarães* póde tomar a *iniciativa* para o *Congresso Eucharistico*, e a *vontade resoluta* só por si seria bastante para que se *verificasse*, *segundo aquella sentença* o desejado *referido Congresso*.

Dom Antonio de Almeida.

Sandação dirigida nos *parochianos* da *freguezia Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa* pelo seu novo *parochio*, o *presbytero Antonio Joaquim da Rocha Espanca*, no *acto da posse* da *mesma freguezia*.

(Conclusão)

Não fica ainda por aqui, *Senhores*, a *protecção* da *Sanctissima Virgem* para com os *portuguezes*, e em especial para *Villa Viçosa*, não; porque este *facto*,

sem *egual* nos *annaes do mundo*, e que para nós foi um *milagre*, para os *hespanhoes* pareceu um *sonho* sem *realidade*; pois que sendo *levada a noticia* a *Madrid*, o *Rei Philippe* metteu o *caso* ao *desprêso*, e, *olhando* para os *cortezãos*, que o *rodeavam*, disse com *desdem*: «*Como póde D. João ser Rei sem soldados?*» «*Oh! amor da patria*, quanto pódes *escudado* pela *fê!!* O *senhor D. João IV* teve *tantos soldados*, quantos eram os *portuguezes*, pois que *velhos e moços* todos *correram* a *empunhar* as *armas* em *defesa* da *patria*, *sellando* com seu *sangue* a sua *autonomia*.

E com *effeito*, *varias batalhas* se *feriram* no *espaço* de *vinte e cinco annos*, em as *linhas d'Elvas*, no *canal*, no *Campo do Ameixial* etc., etc., mas eu *omitto* tudo isto para *vos dar* uma *ideia rapida* da *batalha de Montes Claros*, porque nos *toca* de *mais perto*, e *tem* para nós um *valor* *egual á* de *1640*, *Villa Viçosa* *achava-se* *cercada* pelo *exercito hespanhol*, *commandado* pelo *general Marquez de Caracena*; *doze dias* durava já o *apertado cêrco*; a *Villa* estava *quasi toda* em *poder* do *inimigo*; a *muralla* junto ao *poço do concelho róta*, (como *ainda hoje* se *vê*), e o *Castello proximo* a ser *tomado á escala*, ou a *render-se*.—O *governador* reuniu *conselho* para *saber a opinião* da sua *gente*, pois que as *munições* de *hocca* e de *guerra* se *achavam quasi exhaustas*;—*decidiu-se*, que se *resistisse* até ao *ultimo extremo*, mas, que, *sem perda* de *tempo*, se *mandasse* *aviso* ao *Marquez de Marialva*, *D. Antonio Luiz de Menezes*, que se *achava* em *Estremoz*, para que *lhes* *enviasse* *socorro*, *aliás* *teriam* de *capitular*.

No *dia 17* de *junho* de *1665* *saiu* o *nosso exercito* de *Estremoz* em *direcção* a *Bencatel*, para *introduzir* o *socorro* em *Villa Viçosa*, e o *Marquez de Marialva* fez *voto* a *Nossa Senhora da Conceição* de *lhe mandar edificar* uma *Capella*, sob a *invocação* de *Nossa Senhora da Victoria*, se *conseguisse* *derrotar* o *inimigo*, *dotando-a* com *duas missas* *quotidianas* pelas *almas* dos que *morressem* na *peleja*, (o que *cumpriu*). *Sendo* *participado* ao *general hespanhol*, pelas *suas vedetas*, que o *nosso exercito* *saira* de *Estremoz*, *resolveu* *sair-lhe* ao *encontro*, *confiando* em *ter forças superiores ás nossas*; e com *effeito* ás *nove horas* da *manhã* no *sitio* da *Ruivina* se *chocaram* as *primeiras linhas*, e *avanzando* sobre os *portuguezes* como *leões* aos *gritos* de—por *São Thiago*, os *portuguezes* *cheios* de *fê* os *investiam* *gritando* por *Maria Immaculada*, e com *tal ardôr* se *bateram*, que *as seis horas* da *tarde* dos *hespanhoes* uns *estavam* *mortos*, ou *feridos* no *campo* da *batalha*, outros *prisioneiros*, e outros *tinham procurado salvar-se*, fu-

gindo, sendo o primeiro a abandonar o campo o Marquez de Caracena. Os sitiados, vendo que o fogo do inimigo tinha cessado, conheceram que a victoria estava do nosso lado, e saíram do Castello. e já a este tempo vinha entrando na Villa o exercito triumphante, que vinha a este templo render graças ao Altissimo pelo exito brilhante de nossas armas e depor aos pés da Sanctissima Virgem os despojos e tropheos da victoria—bandeiras, estandartes etc., etc. Oh! como este dia seria grande para esta terra! E se em Portugal é justamente solemnizado o dia 1.º de dezembro, para nós não o deve ser menos o dia 17 de junho, pois foi n'esse dia, que se consolidou a independencia da nossa querida patria.

Parece-me pois termos razões sufficientes para nos honrarmos de ser portuguezes,—filhos de Villa Viçosa, e parochianos d'esta freguezia Matriz. Explicae isto mesmo a vossos filhos, e de certo se lhes despertará no coração o amor pela Religião e pela Patria.

Agradecondo-vos a fineza de me terdes escutado, vou concluir pedindo as vossas orações. Em primeiro lugar orae pelo Summo Pontifice Leão XIII, que com tanta previdencia, sabedoria e prudencia governa a Sancta Igreja; concorrei annualmente com o vosso obulo para o dinheiro de S. Pedro, pois essa esmola lhe é necessaria para occorrer ás despezas resultantes da perda do poder temporal, de que se acha despojado; em segundo lugar orae pela familia real, para que Deus conserve as preciosas vidas de Suas Magestades e Altezas, a quem Villa Viçosa deve tantos e tam assignalados favores; em terceiro lugar orae pelo nosso excellentissimo Prelado o senhor Arcebispo de Evora, para que Deus lhe conceda dias de paz, e tenha a consolação de ver os seus diocesanos em perfeita união, acatando as sabbias determinações de tam desvelado e sollicito Pastor; e em ultimo lugar orae pelo vosso parochio para que Deus Nosso Senhor se digne illuminar-me com suas divinas luzes para bem desempenhar os deveres de meu sagrado ministerio.

E vós, ó Virgem Poderosa, que tantas provas de amor para com os portuguezes, e em particular para com os filhos d'esta terra, tendes sempre dado, dignae-vos lançar sobre mim vosso manto protector acolhendo-me como vosso filho dedicado, e alcançae-me aquella fé inquebrantavel dos antigos portuguezes, para que possa guiar os meus parochianos pelo caminho do dever, e pela prática das virtudes religiosas, moraes e civis, para que vivendo na terra em paz, vamos depois da morte, pastor e ovelhas, cantar no Ceu os vossos louvores, dizendo todos a uma

voz—Toda sois formosa, ó Maria, e em vós não ha mancha; vós sois a gloria de Jerusalem, a alegria de Israel, e a honra do nosso povo: *Tota pulchra es. Maria, et macula originalis non est in Te. Tu gloria Jerusalem; Tu beatitudo Israel; Tu honorificentia populi nostri.* Disse.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O diabo e as suas obras

(Continuação do n.º antecedente)

VIII

Quando o que havia a dizer-se relativamente a tentações e assaltos diabolicos em geral, convem se tracte agora em particular d'aquellas aggressões e accommetimentos com que alguma vez costuma o diabo maltractar e perseguir o homem, conhecidos dos theologos e canonistas pelo nome de *possessões* e *obsessões*, o que servirá tanto de instrução e aviso dos que forem aggredidos, como de norma e governo dos que forem chamados por Deus a dar-lhes luz e conselho.

Dão alguns auctores á possessão o nome de *obsessão perfeita*, e á simples obsessão o nome de *obsessão imperfecta*. Mas para conhecer-se clara e distinctamente quanto vai da obsessão á possessão, importa declarar que estes dois nomes significam dois estados entre si diversos de lucta e peleja, com que contra o homem contém o poder das trevas. Chama-se *obsessão* quando o anjo de Satanaz ataca de fóra o homem para rendel-o; chama-se *possessão* quando, rendido já o homem, se tem o inimigo senboreado d'elle. Nem mais nem menos que o que acontece com os homens de guerra: quando um exercito invasor põe cerco a uma praça e a canhonéa e bombardéa para se apoderar d'ella, chama-se *sítio*, que é synonymo de obsessão; mas quando os sitiados conseguiram calar o fogo da praça, entram e então se *apossam* e senboream da mesma.

Para completo esclarecimento, deve-se de notar que algumas vezes o demonio invade de tal modo o homem que se lhe introduz no corpo, e habita n'elle, como outr'ora habitava nos idolos, podendo-se dizer que o possessive e obra n'elle com tal despotismo, que chega a impedir-lhe o exercicio das funcções livres e deliberadas. Outras, a invasão diabolica circumscreeve-se tam sómente a um accessão do inimigo, mediante o qual damnifica o homem por si mesmo de uma maneira viva e sensível, excitando-o

ao peccado e atormentando-o moral e physicamente.

No Antigo e em o Novo Testamento abundam testemunhos decisivos d'estas duas classes de vexações diabolicas. Conhecida é de todos a historia do rei Saúl, de quem se lê no livro I dos Reis, que o atormentava um espirito maligno por permissão de Deus (1); e invadindo-o certo dia o dicto espirito, ficou turbada sua imaginação, e andava por todo o palacio falando como phrenetico e arremessou sua lança contra David. Ninguem, tam pouco, ha que ignore, que, segundo se lê no sagrado Evangelho, Jesus Christo havia expellido de Maria Magdalena sete demonios (2), como tambem que foram apresentados a Jesus Christo varios indemoninhados surdos, mudos, ou atormentados de vario modo pelos espiritos malignos, e lançados estes fóra, ficavam os possessos inteiramente curados. E' finalmente celebre a passagem de S. Paulo, referente a Ilymeneo e Alexandre, que naufragaram na fé, de quem escreve o Apostolo a seu discipulo Timotheo, «que os havia enviado a Satanaz» (3), para que, atormentados no corpo debaixo do poder tyrannico do demonio, segundo a expressão de S. Chrysostomo, aprendessem a não blasphemar, *ut discant non blasphemare*, ou, como diz Sancto Thomaz, «a não dogmatizar contra a doutrina de Jesus Christo.» D'estas invasões diabolicas, chamadas possessões, costuma valer-se o Senhor para abater e emendar os peccadores, como ensina Sancto Isidoro (4), ainda que tambem são por ellas provados os servos de Deus para exercicio de sua paciencia e humildade (5).

Exemplo mui eloquente de obsessão é o tormento causado a Job pelo espirito maligno até deixal-o coberto de lepra (6), e é sabido de todos o que de si mesmo diz S. Paulo «que lhe havia sido dado o anjo de Satanaz, que o atormentava e affligia por uma violenta tentação de impureza (7). No entanto é de notar que nem sempre Satanaz causa immediatamente sobre a nossa alma taes aggressões, senão que ás vezes as verifica excitando e movendo os homens perversos para que, como ministros e instrumentos seus,

(1) *Et exagitabat eum spiritus nequam a Domino.* (I Reg.)

(2) *De qua septem demonios exierunt.* (Luc. VIII, 2.)

(3) Timoth. I, 20.

(4) *Ut terroribus afflicti humiliantur, paenitent et salvantur.* (S. Isid. lib. 3. Sent. c. 5, n.º 81.)

(5) S. Aug. lib. 22 de civit. c. 22—S. Chrys. lib. 2 da Prov. sub init.

(6) Job. II, 6.

(7) II. Corinth. XII, 7.

atormentem aos justos, consoante o indicou o mesmo Jesus Christo quando se deixou prender por seus verdugos, com aquellas palavras: *Esta é a vossa hora e o poder das trevas* (1). Com isto claramente fica significado que Jesus Christo, durante sua Paixão, esteve em poder dos instrumentos do diabo, que era o instigador dos verdugos, d'onde parece que assim como as possessões as permite Deus como castigo de culpados, vale-se ordinariamente das obsessões para mui elevados melhoramentos das almas sanctas e escolhidas. Mui interessante é o que ensina S. Chrysostomo com referencia ás vexações de que foi objecto o sancto e pacientissimo Job: *O diabo, diz, em vez de abrir feridas as recebeu elle mesmo; e Job foi conduzido a lucta para que ficasse coroado com o esplendente e gloriosissimo diadema da paciencia* (2). «Convem, diz a este respeito S. João da Cruz, que Deus permitta esta classe de vexações nas almas privilegiadas de suas graças extraordinarias e da assistencia especial dos sanctos Anjos, para que d'este modo haja uma como egualdade na lucta, e seja assim mais gloriosa a victoria, e a alma fiel e vencedora seja coroada com mais formosa coroa (3).»

Largas e multiplicadas paginas devêramos escrever, entrando em profundas questões physicas e metaphysicas, se intentassemos pôr-vos deante dos olhos um estudo consciencioso das diversas especies de vexações que caracterizam as possessões e obsessões diabolicas, e dos efeitos que produzem, na alma e no corpo de quem padece taes aggressões. Não querendo porém ultrapassar as balizas que nos temos imposto, daremos a conhecer succintamente apenas algumas d'ellas.

Com a possessão advem ordinariamente alterações, tanto nos humores como nos sentidos externos e internos, d'onde a miude resulta ficarem as faculdades intellectuaes impedidas de exercer suas funcções regular e livremente, ao contrario do que o mais das vezes acontece com os obsessos, que nem soffrem alteração nos sentidos nem nas faculdades intellectuaes. Não costuma pois o possesso obrar livremente, e em tal estado solta blasphemias e gritos descompostos e practica acções preternaturaes, a que por si mesmo não chega o poder do homem; ao pas-

so que o obsessivo costuma conservar o livre e expedito exercicio de suas faculdades intellectuaes, obrando com claro conhecimento e total energia de sua vontade, resistindo com a graça e tornando-se superior aos assaltos do inimigo. São estes os caracteres ordinarios, pois por extraordinaria via podem dar-se casos excepçoes, em que o possesso não esteja impedido por completo do uso de suas faculdades e possa peccar gravemente, e nos quaes o obsessivo ou ceda á tentação ou soffra alguma possessão ou oppressão que limite a liberdade de seus actos.

A vida dos Sanctos e as relações circumstanciadas que de factos contemporaneos vos poderiamos apresentar, mostram até onde chega a intensidade dos rancores do diabo a certas almas que, de todo o coração, emprehendem o caminho da perfeição, manifestando-se ao mesmo tempo os inapreciaveis thesouros do amor com que Jesus as enriquece. Aparições em figuras espantosas, ruidos aterradores, rugidos de leões, palavras impuras, blasphemias horrendas, fortes commoções como de terremotos, assaltos violentos ao corpo, atropellos e vexações de toda a sorte; excitações de nervos, de humores e das partes mais sensiveis e delicadas do corpo... De tudo se vale o demonio para tentar os Sanctos; e ora se vêem precipitados, ora arrastados, ora arrojados pelos ares, para infundir-lhes terror e, de primeiro, derribal-os em peccado, para, depois, os induzir a desespero.

Mas Deus, que é admiravel em seus Sanctos (1), faz em taes casos magnifica ostentação da grandeza de seu poder, abatendo e castigando o insolente orgulho de Satanaz, com os gloriosos triumphos e extraordinarios merecimentos com que sóe coroar os generosos esforços de seus escolhidos, cumprindo-se n'elles exactamente aquella sentença de S. João Chrysostomo: *Diabolus non tam intulit, quam accepit plagas, non tam vulneravit, quam vulneratus est*, porque, em verdade, mais que abrir feridas lhe acontece receber-as para sua maior confusão. Brilhantes exemplos temos no paciente Job, no Apostolo S. Paulo, em Sancto Antão Abbade, em Sancto Hilario, em Sancta Maria Magdalena de Pazzis, no Veneravel José Oriol, em Sancta Angela de Foligno e outros mil, não menos que em milhões de martyres, que, se não foram victimas da obsessão immediata do demonio, o foram dos algozes e tyrannos, membros e ministros d'elle.

E assim é. Deus que tolera a natural actividade dos espiritos malignos,

ou antes, que á mesma põe os limites que são apropriados aos altos designios de sua adoravel Providencia e á gloria dos Sanctos, communica aos ultimos certos augmentos de graça e certo grau de poder sobrenatural, á proporção que permite ao demonio empregar para seus depravados intentos suas forças, superiores ás forças naturaes do homem, ficando em fim o poder natural diabolico mui inferior ao poder sobrenatural com que o Senhor fortalece a seus escolhidos. Porisso com frequencia nós vemos nos Sanctos, extenuados os seus corpos pelo rigor das penitencias, desafiando impavidos, nada obstante, as iras das furias infernaes, segundo nas actas dos martyres se lê de delicadas donzellas, alegres no meio dos mais horriveis supplicios, resistindo serenamente á sanha dos mais impiedosos tyrannos. E' que o Deus da fortaleza, que faz sua a causa de seus Sanctos, e contende n'elles e com elles, não permite que sobre Elle prevalesçam os poderes infernaes.

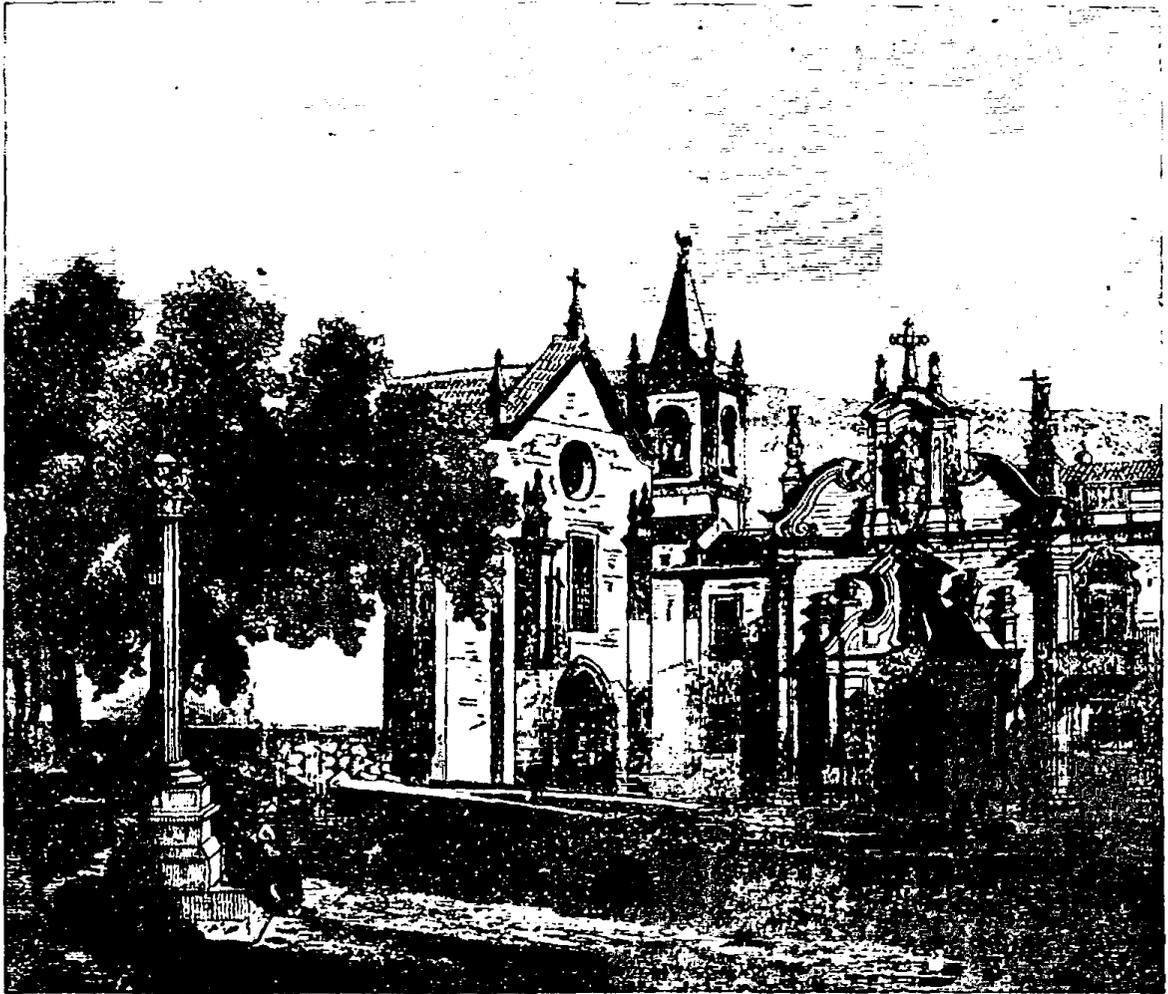
Note-se, para consolação das almas a quem Deus é servido provar n'este encendido crisol, que o sanctuario da alma é impenetravel e até occulto ao inimigo, á similhança d'uma fortaleza que edificada n'uma altura inacessivel, está fóra do alcance dos tiros e da inspecção do inimigo, para que lhe sirva de allivio no mais rude dos combates. Póde o espirito maligno exercer sua actividade sobre nossos corpos, póde opprimil-os de vexames e martyrio, e, se Deus lh'o permittisse, póderia até destruil-os. De igual modo lhe é facultado affectar nossos sentidos exteriores com visões horriveis e póde fazer-nos ouvir blasphemias, commover nossa imaginação com phantasmas ou representações impuras e espantosas; póde excitar a sensibilidade nervosa além do quanto podemos pensar: tudo isto póde o demonio como havemos demonstrado no capitulo II, ao tractarmos da natureza e actividade dos anjos bons e máos. Repetimos no entanto que a alma, essa é um sanctuario impenetravel ao inimigo, é uma fortaleza que está fóra do alcance de seus projectis. Sobre ella não tem o demonio nenhum poder directo ou immediato; o demonio, com todo o seu poder, não consegue infundir directamente um só pensamento máo em nosso entendimento, nem é capaz de mover nossa vontade quando ella se opponha. Por este motivo ensina a sagra-da Theologia que o demonio não póde ser causa immediata, total nem parcial, do nosso peccado, por que de per si não póde causar o consentimento da vontade ao mal, no que consiste propriamente o peccado. Póde, dissemo-l-o já, excitar a imaginação e apresentar-

(1) *Hæc est hora vestra potestas tenebrarum* (Luc. XII, 53).

(2) *Ad agonem bene certantem adducit Deus, quo clariori cum patientie diademate coronet* (S. Chrysost. hom. 4 de patien. Job post init.)

(3) *Constet majoris proetio et anima fidelis et viatrix intentione largius coronatur* (S. Joan. à Cruce lib. 2. noctis obac. c. 88).

(1) Psalm. LXVII, 36.



EGREJA E CAPELLA DE S. FRANCISCO, EM GUIMARÃES

nos phantasmas e formas materiaes que induzam ao peccado; pôde excitar nosso corpo, e impressionar nossos sentidos externos, lisongear nosso coração, mas sua actividade natural não pôde chegar à alma, e todos sabeis muito bem que só na alma se consumma o peccado. Todas as commoções do corpo, todas as impressões dos sentidos, todas as excitações da imaginação, dentro de cuja esphera actua e pôde actuar o poder diabolico, não podem constituir um só peccado, se as não acompanha o consentimento, o acto livre e soberano da nossa vontade.

Encerrada e concentrada a alma em suas proprias faculdades, intendimento e vontade, é de todo impenetravel, até

as mesmas vistas do inimigo, de modo que a não quereremos dar-nos a conhecer, é impotente o espirito maligno para conhecer nossos pensamentos e os actos intimos de nossa vontade. Poderá, pelas operações externas e affecções sensiveis que em nós distinguem, conjecturar nossos pensamentos bons ou máos, nossos actos interiores de virtude ou de vicio; porém sua vista intellectual não alcança descobrir os actos livres puramente espirituaes de nosso intendimento e nossa vontade, sem consentimento da nossa parte (1).

(1) S. Thom. I. q. 57 a. 4. Q. XVI de Malo art. 8. Q. IX de Veritate art. 13. III. Contra Gent. e V 154.

O sanctuario da consciencia é a todos impenetravel, excepto a Deus. *Só Deus conhece o coração do homem*, diz o livro III dos Reis (1), e nos *Psalms* vemos que *é Deus quem prescruta os segredos do coração* (2). S. Paulo ensina que *é o Verbo de Deus quem examina os pensamentos e as intenções do coração* (3), affirmando terminantemente S. Jeronymo que *ninguem, sómente Deus, conhece nossos reconditos pensamentos* (4).

(1) III Reg. VIII.

(2) Psalm. XLIII.

(3) Hebr. IV.

(4) *Nullus cogitationum secreto cognoscit nisi solus Deus.* (S. Hieron. in c. XVII Jerem.)

D'aqui podem intender os ministros sagrados a necessidade de se acharem assás instruidos n'este negocio para que, ao fiar Nosso Senhor do seu zelo sacerdotal alguma das pessoas que se vejam afflictas e provadas por possessões ou obsessões diabolicas, possam dirigi-las com segurança e acerto segundo o espirito da Igreja. Ao que deixamos exposto (no tocante ás tentações) sobre a necessidade e efficacia da oração, assistencia ao sancto sacrificio da Missa, confiança que devemos ter na divina protecção, e poderosa intercessão dos Sanctos Anjos e especialmente de Maria Virgem Mãe de Deus, ha que addicionar uma brevissima declaração de alguns particulares remedios applicaveis ao que vamos tractando.

De primeiro esforce-se o zelo sacerdotal por fazer resurgir entre os catholicos aquelle espirito de fé sincera e viva confiança, inseparavel da verdadeira vida christã, a qual exige um espirito de profunda humildade, de amor à Igreja e perfeita submissão a suas piedosas práticas. Declarado está que a causa por que o demonio se tem senhoreado do mundo, é principalmente por se não recorrer hoje como outr'ora à ordem sobrenatural, pelo-damno produzido por esse naturalismo que tudo invade, causa o effeito ao mesmo tempo da intervenção diabolica, na qual tam poucos ha a deterem a attenção.

(Continúa)

Dr. D. Salvador Casañas y Pagés.

SECÇÃO HISTORICA

Influencia dos Papas e dos Arcebispos de Braga sobre a instrucção em Portugal, pelo Abbade de Tagilde, Padre João Gomes d'Oliveira Guimarães.

(Continuado do n.º antecedente)

Pedro Julião, que depois foi Summo Pontifice, illustrou na segunda metade do seculo XIII a cadeira primacial. Medico eminente, philosopho consummado, escreveu um tratado de logica, que por muito tempo foi o compendio adoptado em todas as escolas de Hespanha. A sua erudição era tão variada e tão profunda, que lhe adquiriu o nome de clérigo universal. Entre as differentes obras, que nos legou, a sua obra de medicina, *Thesaurus pauperum*, é muitissimo louvada.

Para não me alongar demasiadamente n'esta exposição deixo alguns arcebispos, que se illustraram nas letras e apenas mencionarei, antes de chegar à epocha brilhante da instrucção em Portugal, o arcebispo D. Fernando da Guerra, o celebre chancellor-mór e regedor das justicas do tempo do mestre d'Aviz.

Não obstante os esforços e os trabalhos dos seus antecessores e apesar de, como é sabido, a sciencia se considerar até então como apanagio exclusivo do clero, era todavia grande a ignorancia. D. Fernando da Guerra viu-se obrigado a dispensar algumas vezes, como já o fizera o seu predecessor, a constituição então vigente, que ordenava que ninguem podesse ser parochio sem que ao menos soubesse entender ao pé da lettra o que lesse e cantasse. Como exemplo e prova poderei referir a carta de collação de João Annes na Igreja parochial de Santo Estevão d'Urgez, suburbios de Guimarães, passada em agosto de 1433 (1).

Para combater esta ignorancia o arcebispo protege a fundação do convento de Villar de Frades, unido-lhe os fructos de 10 egrejas e ali se abriram cadeiras publicas de grammatica e moral, frequentadas por muitos clérigos e estudantes de Braga, Barcellos e visinhanças até que em Braga se abriram novos Estudos.

Estes novos Estudos, meus senhores, devem-se ao grande arcebispo D. Diogo de Sousa, que foi não só o homem de rasgada iniciativa a quem esta cidade deve immensos melhoramentos materiaes, mas o esclarecido prelado que abriu escolas publicas n'esta cidade, que se rodeou de eruditos desembargadores, dando assim uma tal auctoridade ás decisões da Relação metropolitana, que ellas se tornaram a norma e a lição dos juriscultos do reino.

E' com justiça que André de Rezende, na dedicatoria do seu poema latino sobre a fundação e privilegios de Braga, o denomina: honra dos prelados, astro fulgentissimo de Hespanha, unico refugio dos escriptores.

O cardeal D. Henrique não foi sómente versado em sciencias ecclesiasticas e linguas; as mathematicas, que estudou com o celebre Pedro Nunes, eram lhe familiares, e por mais que alguém tenha em vista escurecer-lhe a memoria, o que é certo é ter elle sido presador e cultor dos bons estudos, como se evidencia pela criação da Universidade d'Evora, pela efficacia

(1) Encontra-se no Archivo da Collegiada de Guimarães, Livro dos Padroados ff. 244 v.º

com que promoveu o ensino das disciplinas ecclesiasticas em todas as dioceses a que presidiu e pelo zelo com que fez publicar livros accommodados ao uso dos Parochos e à instrucção dos fieis.

Para não fallar senão da epocha do seu governo n'esta archidiocese, é-nos grata a sua memoria por ter augmentado o edificio das escolas publicas e ter-lhes dado bons mestres, pela publicação das constituições do arcebispo, do Sacramental para instrucção dos parochos, impresso n'esta cidade em 1539, etc. Mais tarde, quando regente do reino, usou de grande liberalidade com o Collegio dos Jesuitas, de que opportunamente fallarei.

D. Balthazar Limpo, sabio lente da Universidade, fundador do Collegio do Carmo em Coimbra, continuou na cadeira primacial os serviços que havia prestado ás sciencias e letras. Applicando rendas perpetuas aos professores dos Estudos publicos de Braga, consolidou a fundação dos seus antecessores e assim conseguiu, diz um historiador, que a capital do Minho tivesse uma pequena Universidade na qual se ensinava grammatica latina, philosophia, canones e theologia.

D. Bartholomeu dos Martyres. E' sufficiente, meus senhores, pronunciar este nome para que desde logo nos accudam ao espirito as obras grandiosas que o santo arcebispo praticou e que tornaram a sua memoria tão querida, o seu governo tão memoravel, que ainda hoje, e sempre assim succederá, quando queremos tributar os nossos respeito e admiração a algum dos nossos venerandos prelados não encontramos melhor e mais adequado conceito do que dizer que é um digno successor de D. Fr. Bartholomeu.

Não é meu intuito rememorar n'esta occasião os serviços prestados a esta diocese, ao reino e à Igreja Catholica pelo inclyto arcebispo; apenas farei uma resenlia e muito ligeira dos seus trabalhos em favor da instrucção para não me alongar muito e mesmo para não cansar a vossa attenção com objecto tão conhecido. Consenti porém que antes eu repita um periodo do seu vernaculo chronista, que n'estas poucas palavras nos faz o mais rasgado e justo elogio do seu biographado: «nenhã abelha se vio mais sollicita em jardim cheyo de flores por colher de todas com que perfeioar o artificio de seus favos, do que o arcebispo andava em todas as cousas da sua obrigação, & em cada hã, como se nenhã outra estivera à sua conta: tão miuda e particularmente as tratava.»

No Paço archiepiscopal estabeleceu duas cadeiras de casuistica, lidas por

dous religiosos de S. Domingos, sustentando à sua custa os estudantes pobres; fundou o Collegio de S. Paulo cuja regencia entregou à Companhia de Jesus, dotando-o convenientemente e estabelecendo n'elle quatro classes de grammatica, rethorica e curso d'artes; fez abrir um curso de theologia moral em Vianna; e finalmente fundou o seminario archidiocesano, o primeiro fundado no reino e na Igreja Catholica em execução das determinações do Tridentino, sem que o embaraçassem ou entibiassem as difficuldades que teve de superar e de que sahio vencedor e a obra, por certo a mais notavel do arcebispo, toma incremento prodigioso porque a não lançava do coração, apertava com os aparelhadores, com os officiaes e superintendentes, que mettessem gente, crescesse o edificio, luzisse a despeza, como diz Fr. Luiz de Souza.

E ainda lhe sobejava o tempo para nos deixar, como documentos do seu saber, muitas obras que escreveu, grande parte das quaes se imprimiram e mais que uma vez.

N'esta epocha, diz Coelho da Rocha, tem o primeiro lugar entre os prelados o arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, respeitavel pela sua piedade solida e profundos conhecimentos.

E' custoso, meus senhores, dar de mão ao benemerito prelado, mas o tempo urge e ainda ontros reclamam a nossa attenção.

D. Agostinho de Castro, ou de Jesus, depois de ter feito valiosissimos serviços à Igreja, occupou a Sé de Braga e a instrução deven-lhe attenção cuidada. Estabeleceu no convento do Populo, que fundara, duas lições diarias de theologia especulativa para individuos pobres e entre outras obras, que ficaram manuscriptas, escreveu um registro da provincia no qual, segundo assevera um critico insuspeito, dava provas de grande erudição e sagaz investigação das antiguidades da sua provincia ecclesiastica; foi cultor da musica deixando nos differentes composições muito apreciadas.

D. Alceio de Menezes, successor de D. Fr. Agostinho de Jesus, continuou os bons serviços dos seus antecessores em proveito das sciencias e letras, fundando no Collegio do Populo uma cadeira de escriptura sagrada e deixando muitos escriptos, alguns dos quaes foram impressos.

Não me detenho com D. Affonso Furtado que antes exercera o cargo de reitor da Universidade, dispendendo então importantes sommas na aquisição de livros para a bibliotheca, cuja casa, não a actual, mandou construir; e dou lugar em breves palavras a D.

Rodrigo da Cunha, que se distinguiu tanto por suas virtudes religiosas, como por seus variados e importantes escriptos. A sua Historia ecclesiastica de Braga, não obstante alguns senãos, ha-de sempre ser proveitosamente versada pelos estudiosos, que quizerem travar conhecimento com os fastos gloriosos d'esta archidiocese primaz.

De D. Luiz de Menezes, que nos legou algumas obras impressas, faço minhas as palavras d'um escriptor, que d'elle se occupa: «ninguem entrava nas funcções litterarias com maior expectação dos ouvintes, ninguém sahia d'ellas com maiores applausos. Argumentando e defendendo ostentava sempre com vantagem a claridade e profundidade.»

Deixando outros prelados insignes, não fallando mesmo do admiravel D. Rodrigo de Moura Telles, recorde de passagem o arcebispo D. Gaspar de Bragança, fundador do Collegio das Ursulinas, seguindo a indicação já dada por seu antecessor D. José, collegio para a educação de meninas, que chegou aos nossos dias e que prestou valiosos serviços à instrução e educação do sexo feminino; e dito isto, eis-me, meus senhores, no tempo d'outro prelado de quem basta proferir o nome para nos curvarmos respeitosos ante a sua inolvidavel memoria.

E' que, meus senhores, D. Fr. Caetano Brandão é digno de ser dado por modelo pelo desempenho dos mais trabalhosos deveres do Episcopado, bem como pela sua piedade solida e discretas fundações.

Quer na America, quer no continente, os actos do venerando prelado conciliam a nossa estima, attrahem o nosso respeito, captivam a nossa admiração. E' um nome illustre que temos diante de nós e por certo merece esta qualificação, diz um erudito escriptor contemporaneo, o nome d'um prelado, que encontramos brilhante nos dominios da religião, das letras, da beneficencia e até das conveniencias economicas do estado.

Sob este ultimo ponto de vista não me compete agora discorrer, é alheio do meu fim e que o não fosse julgavame dispensado de o versar; o centenario da exposição bracharense ha poucos dias commemorado n'esta cidade, que nunca pôde olvidar o que deve a D. Fr. Caetano Brandão, eximiam de'essa obrigação. Dos seus serviços à instrução eis um rapido resumo, que para mais não dá a urgencia do tempo.

No Pará, o seminario, que encontrou arruinado, merece as suas desvelladas attensões; estabelece as conferencias ecclesiasticas; cuida da educação da

infancia fundando seminarios, ou collegios para ambos os sexos.

Em Braga, o collegio dos orphãos fundado e organizado com a largueza de vistas, que é para admirar; o conservatorio da Tamanca para educação de meninas; a reforma, augmento e maior dotação dos estudos no Seminario; os premios e vestidos para os que se dedicassem ao estudo das primeiras letras; a reforma das aulas do Collegio das Ursulinas; a criação de 20 escolas para meninas; a impressão das obras de S. Martinho Dumiense e de S. Fructuoso; taes são entre outras as provas do seu zeloso amor pela instrução; amor e dedicação que ainda no seu testamento patenteia; a instrução e educação dos seus orphãos iam-lhe na alma.

Os escriptos, que nos deixou, as pastoraes, diarios das visitas, as cartas, respiram uma doçura verdadeiramente inefavel. Assomam as lagrimas a quem percorre essas paginas em que se vê retratada a bella e formosa alma, o bondoso coração do respeitavel arcebispo, «que illuminou a Igreja lusitana com a luz brilhantissima, que lhe aureola a fronte.»

Pouco depois do fallecimento de D. Fr. Caetano Brandão violentas commoções abalaram o reino; a invasão franceza, as nossas discordias civis e ainda a interrupção de relações com a curia romana, que trouxe como consequencia a longa viuvez da sé primacial, concorreram para que a senda gloriosissima aberta pelo venerando prelado não pudesse ser trilhada com a assiduidade que se tornava necessaria afim de que tão precioso legado fosse mantido no pleno viço em que o deixara o santo fundador.

Occupada a cadeira metropolitana pelo virtuoso e sabio lente da Universidade D. Pedro Paulo, cuidou este de reparar com singular tino e especial prudencia os profundos males que as lastimosas circumstancias do tempo haviam trazido à diocese bracharense.

A instrução não foi descurada e em 1850 foi creada uma cadeira para o ensino das instituições canonicas e o respeitavel prelado d'accordo com o governo mostrava-se muito disposto para melhorar as condições do Seminario.

(Conclue)

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuação do n.º 11)

OS.º

CCXII

P. Philippe Alegambe

Celebrizou-se este jesuita por ser o continuador da obra do P. Ribadeneira acerca dos escriptores da Companhia de Jesus. Elle o augmentou com os que viveram desde 1608 até 1643: é um grosso volume *in-folio*, depois addicionado por outros seus confrades.

Philippe Alegambe nasceu em Bruxellas (Belgica) a 22 de janeiro de 1592. Depois de vestir a roupeta de Santo Ignacio em Palermo, partiu para Roma onde estudou theologia, e em seguida ensinou philosophia em Gratz.

Foi governador do joven principe de Eggemberg, e com elle viajou por toda a Europa. Voltando, emfim, a Roma, foi n'esta cidade prefeito da casa professa que alli possuíam os jesuitas.

Alegambe morreu em Roma a 6 de setembro de 1652, deixando, alem da *Bibliotheca jesuitica*, muitas obras de piedade e ao mesmo tempo de erudição, que patenteiam a sua sciencia e o seu espirito.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«*Tagilde—Memoria historico-descriptiva, por Oliveira Guimarães, abbede de Tagilde*».

E' mais um trabalho do nosso respeitavel amigo, talentoso e exemplar sacerdote e collaborador d'«O Progresso Catholico», rv.º sr. Padre João Gomes d'Oliveira Guimarães, escriptor distincto e archeologo já muito apreciado. *Tagilde*, que é o principio d'uma *memoria historico-descriptiva* de todas as freguezias ruraes d'este concelho, que completará o livro do Padre Caldas—*Guimarães, apontamentos para a sua historia*—mostra-nos de quam grande alcance será essa obra de investigação, para o conhecimento do concelho de Guimarães. E' um trabalho de largo folego, onde, a par d'um estylo correctissimo e agradável, ha indicações curiosissimas, e uma critica conscienciosa.

«*Regulamento do Registo Parochial, annotado por M. L. Coelho da Silva, bacharel formado em direito, conego da Sé do Porto e professor de Direito Canonico.*»

O exc.º sr. conego Coelho da Silva, ornamento do sabio corpo docente do Seminario do Porto, apresenta-nos sempre trabalhos de reconhecida utilidade, tendentes a auxiliar o clero parochial na sua ardua e difficil missão. «O Regulamento do Registo Parochial, annotado...» já foi editado em agosto de 1888. N'esta 2.ª edição o seu illustrado auctor introduz alguns melhoramentos, além d'um indice alphabetico. Os decretos de 1862 hoje em vigor no continente e ilhas adjacentes do reino e de 1863, que regula o registo parochial nas provincias ultramarinas offerecem muitas difficuldades na pratica, difficuldades, que desapparecem quasi totalmente, com o novo trabalho do sabio professor e zeloso sacerdote, sr. conego Coelho da Silva.

«*Encyclopedia Preliminar. Primeiros rudimentos de moral, doutrina christã, grammatica portugueza, arithmetica, systema metrico e desenho, por L. Pinto da Rocha, professor official no concelho de Penafiel.*»

E' um volume de 174 paginas, em que o seu auctor compendiou as materias exigidas para o exame de instrucção primaria elementar. E' trabalho de bastante merecimento. Gostamos de vêr collocada em primeiro logar e com bastante desenvolvimento a moral e doutrina christã. E' por ahi, que deve começar a instrucção da mocidade, porque—*initium sapientiae timor Domini*.

Agradecemos os volumes, que nos foram offerecidos.

Tambem recebemos e agradecemos o n.º 270 do importante e acreditado periodico hespanhol «*La Guirnalda y la Bordadora*», contendo um grande numero de desenhos novos e elegantes, que o tornam muito recommendavel a todas as pessoas, que se dedicam a este genero de trabalhos, especialmente aos collegios. E' digno dos maiores elogios o seu director, D. Jaime Brugarolas, pela publicação d'este periodico, tam necessario, como instructivo. Assigna-se em Barcelona, Archs, 8, pral.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Joanna d'Arc

(Vid. artigo—Joanna d'Arc)

Egreja e Capella de S. Francisco, em Guimarães

(Vid. pag. 139)

A igreja de S. Francisco é um dos mais elegantes templos d'esta cidade.

A sua construcção principiou no primeiro quartel do seculo XIV, sob a direcção dos frades franciscanos, protegidos pelo Pontifice Innocencio VI, e pelos reis D. Diniz, D. Fernando e D. João 1.º. A capella-mór da igreja é, como diz o Padre Torquato d'Azevedo (citado pelo Padre Caldas) uma das melhores do reino, toda de abobada, fechada no remate com as armas reaes, por serem administradores d'ella os duques de Bragança. Tem mais de notavel a abobada da capella lateral, onde está hoje o Santissimo Sacramento, o azulejo da capella-mór, representando diversos milagres de Santo Antonio, o arco abatido, que sustenta o côro, medindo na sua abertura 10^m,65, e não se afastando a curva na sua maior distancia da base mais que 2^m,93, a imagem do Patriarcha, a sacristia, onde existem ricas alfaias e uma meza de pedra marmore etc. etc.

Esta igreja soffreu diversas reformas, sendo a ultima em 1886-1887.

Depois da extincção das Ordens Religiosas foi concedida a Ordem Terceira por carta de lei de 4 de março de 1875.

A capella, de pequenas dimensões, é tambem muito elegante. Tem duas imagens muito apreciadas: a Virgem Dolorosa, obra de Soares dos Reis; e o Coração de Maria, vinda de Roma.

O antigo convento, pertencente à Ordem Terceira de S. Francisco, está transformado n'um edificio escholar, que consta de 5 salões, cada um dos quaes mede 17^m,85 de comprimento, por 7^m,45 de largura. Lecciona-se a instrucção primaria aos filhos dos irmãos, que são em numero de 5:000 aproximadamente. A eschola do sexo masculino é frequentada por 136 alumnos e a do sexo feminino por 92.

Ha tambem um magnifico hospital e o asylo de entrevados, que tem actualmente 15 velhinhos, que ali encontram o alimento do corpo e do espirito.

Para o serviço hospitalar ha 7 irmãs hospitaleiras, 3 das quaes leccionam as creanças do sexo feminino. O fundo da Ordem Terceira de S. Francisco é de 130:289,5263 reis. E' observada a regra, que consta da Constituição do Nosso Santissimo Padre Leão XIII, acerca da Ordem Terceira Secular, de 30 de maio de 1883.

E' actual ministro da Ordem o ex.º sr. Augusto Mendes da Cunha, que se tem tornado notavel pelo zelo com que tem presidido à administração d'esta casa de caridade.

SECÇÃO NECROLOGICA



EM Ponte do Lima falleceu a irmã do nosso presado amigo e distincto collaborador d'«O Progresso Catholico», rv.^{mo} snr. Doutor João Affonso da Cunha Guimarães, cujo coração foi ha pouco ainda ferido pela perda d'outra irmã. Não lhe aconselhamos a resignação, porque s. ex.^a saberá conformar-se com a vontade de Deus.

* * *

Tambem falleceram os nossos bondosos assignantes snrs. Antonio José Pereira, de Arcozello e Padre João Tavares da Silva e Costa, de Fiães, em Campiã.

Aos leitores pedimos, que orem pelo eterno descanso dos fallecidos.

REQUIESCANT IN PACE

RETROSPECTO

Imponentissimo, edificante, consolador, o mez de Maria, n'esta cidade!... Os templos enchiam-se de fieis, que ora se extasiavam na contemplação da formosa imagem de Nossa Senhora de Lourdes, do Seminario, que na sua gruta tam bella, está em attitude de orar por todos nós; ora se prostravam em frente das imagens de Nossa Senhora de Lourdes e de la Salette, da Misericordia, prestando homenagem á excelsa Rainha dos ceos e da terra. Unas vezes corriam á formosa capella de S. Domingos, e ahi entoavam louvores ao ternissimo Coração de Maria; outras tornavam pequena, acanhadissima a capellinha das snr.^{as} Chaves, pela grande concorrência, avida de aspirar os suaves perfumes da piedade christã, que ali existe. Na capellinha do Anjo ouviam-se piedosos canticos, entoados por alguns jovens estudantes, dignos aspirantes ao sacerdocio; na capella das religiosas Capuchas cantavam louvores á Mãe de Deus as piedosas recolhidas; em S. Francisco... Iamos a calar-nos, mas não o fazemos. Embora pertençamos áquella casa por dever de posição, de sympathia e de gratidão, não somos suspeito, dizendo, que o mez de Maria revestiu ali um brilhantismo extraordinario, porque a nossa humilde individualidade em nada contribuiu para isso, a não ser com

uma boa vontade. Todo o esplendor, toda a poesia, todos os encantos do culto tributado a Maria Santissima na capella de S. Francisco, durante o mez de Maio foi devido ás benemeritas Irmãs Hospitaleiras. Sim, as piedosas filhas do Seraphico Patriarcha aproveitavam todos os momentos, que as suas obrigações hospitalares ou escolares deixavam livres e *entretinham se* em adornar o altar, ou a ensaiar as meninas, que frequentam as escolas da Ordem, para entoar os canticos, com acompanhamento de órgão, ao qual estava uma Irmã. E os fieis entravam na formosa capella, e os seus olhos extasiavam-se na belleza do altar, os seus ouvidos deliciavam-se com uma harmonia arrebatadora e as suas almas mais se abrazavam em amor pela terna Mãe dos peccadores. A' escolha das musicas presidiu um bom gosto admiravel; a execução foi sempre correcta, magistral.

Como era consolador o ouvir as donzellas christãs entoar louvores á Rainha das Virgens! Que contraste entre estas e muitas outras, que, perdidas no meio d'uma sociedade corrupta, não sabem senão o hymno da demoralisação nas suas diversas e variadas formas!... A estas diremos com o propheta: *Convertere, convertere!* A' aquellas, que continuem. Sim, continuae, almas juvenis, a cultivar o amor a Maria Santissima! Descerrae muitas vezes os vossos labios para pronunciar o Seu Nome bemdicto; recorrei a Ella o sereis boas, emitae-A e sereis santas. A's benemeritas e piedosas Irmãs Hospitaleiras exaramos aqui um publico agradecimento, em nome da Ordem, de que somos indigno commissario.

Como indignissimo ministro do Senhor apresentamos-lhes os nossos louvores.

E esses louvores, e esses agradecimentos vão reflectir-se em toda a Congregação das Irmãs Hospitaleiras Portuguezas, onde, a par dos esplendores da caridade christã, existem os primores d'uma educação esmerada, que as tornam inegalaveis no tratamento de doentes, na educação da mocidade e no zelo pelo esplendor do culto catholico.

As festividades da conclusão do mez, a que nos vimos referindo, foram em tudo dignas do esplendor e piedade com que se fizeram os exercicios. No dia 31 houve na Misericordia communhão geral a adultos, a que concorreram muitas pessoas, missa cantada e sermão pelo rv.^{mo} snr. Padre José Maria Fiúza, muito digno capellão de infantaria 20, orador conhecido e considerado pela sua

illustração e dotes oratorios não só n'esta cidade, mas tambem n'outras terras, como Braga e Porto, onde teem sido justamente apreciados os seus meritos.

Não tivemos o prazer de o ouvir, mas dizem-nos que se conservou á altura do credito, de que ha muito goza, de orador fluente e apostolico. Ao fim da tarde houve outro sermão, prégado o rv.^{mo} snr. Padre Manoel de Sousa Guimarães, de Braga, novel orador sagrado, que, segundo nos dizem, agradeceu pela forma aprimorada do seu discurso, pelo conceituoso da materia e pelo agradável da dicção.

Seguiu-se um solemne «Te-Deum» e benção papal. A igreja estava repleta de fieis. A ornamentação foi incumbida aos habeis armadores Passos e Filhos, d'esta cidade, que mais uma vez se mostraram artistas consummados.

N'este mesmo dia houve a festividade na capella de S. Domingos, constando de missa cantada e sermão pelo rv.^{mo} snr. Padre Pinto, da Companhia de Jezuz.

No dia 1 de junho realisaram-se as festividades da conclusão do mez de Maria na capella do Anjo com missa cantada e sermão pelo nosso bom amigo e distincto collaborador d'esta revista rv.^{mo} snr. Padre João Antonio Ribeiro Junior, que mais uma vez se mostrou orador primoroso e apostolico; e na capella de S. Francisco, constando de communhão ás alumnas das escolas da Ordem, missa cantada e de tarde vespersas, sermão, e *adeus* á Virgem, que se ostentava n'uma admiravel montanha de flores... Era inexcusable aquelle throno de mal-me-que-res e rosas chá!...

No dia 3 teve logar a mesma solemnidade na capella das religiosas Capuchas, com missa cantada e sermão pelo rv.^{mo} snr. Padre Ignacio, S. J. e na igreja do Pequeno Seminario de Nossa Senhora d'Oliveira. Esta foi talvez a mais brilhante! ..

Vimos os jovens seminaristas entusiasmados com a sua festa; e não só elles, como todos os alumnos externos, que se aproximaram da Meza Eucharistica a receber o Pão dos Anjos. A's 11 horas principiou a missa cantada, cuja execução foi confiada a alguns alumnos internos do nosso Seminario, coadjuvados por sete seminaristas theologos, que vieram do Seminario Conciliar, de Braga, pagar a fineza, que tinham recebido, 3 dias antes, dos seminaristas de Guimarães, que foram a Braga cantar na festividade, que se realisou no Seminario dos Apostolos. A execução foi magistral.

Pelas 4 horas da tarde subiu ao pulpito o rv.^{mo} snr. conego Antonio Cardoso. Foi a primeira vez, que s.

ex.^a se fez ouvir n'esta terra. O seu bello sermão—um hymno á Virgem, n'um estylo agradabilissimo, sem deixar de ser grave e cheio de doutrina—prendeo pelo espaço de meia hora o numerosissimo e selecto auditorio.

O snr. conego Cardoso alia ao talento e piedade, que todos lhe reconhecem, uma voz muito agradável, gesto sobrio e apropriado, dicção facil e clara, emfim, todos os dotes moraes e physicos, para ser um orador consummado. Damos-lhe sinceros e cordeas parabens.

Depois do sermão seguiu-se um solenne «Te-Deum», benção com o Santissimo, consagração do Seminario á Santissima Virgem, terminando esta imponente festividade com a commovente cerimonia do *adeus á Virgem*, correndo todos os fieis a beijar a imagem da Mãe de Deus.

Eis um pallido esboço do que foi o mez de Maria em Guimarães. E este movimento de corações para o Santissimo Coração de Maria é admiravel não só aqui, mas tambem em todo o paiz, que, cumprindo a prophesia da Virgem, não cessa de a saudar, repetindo as palavras do Mensageiro Celeste—Ave, gratia plena.

* * *

No dia 3 veio a esta cidade a *fanfarrá* da officina de S. José, de Braga, acompanhada pelo seu desvelado director, rv.^{mo} snr. Padre José do Egypto. Os estudantes externos do Pequeno Seminario foram esperal-a com a sua bandeira, levantando entusiasticos vivas áquelles jovens tirados á vadiagem para se tornarem homens dignos e honrados por meio d'uma educação religiosa e profissional, e ao seu benemerito director. Hospedaram-se no Pequeno Seminario, cuja festa vieram abrilhantar, tocando com applauso geral diversas peças do seu repertorio. Ao fim da tarde tocaram tambem no coreto do jardim publico, sendo grande a concorrência de vimaranenses a

ouvil-os. Retiraram-se em seguida para Braga.

* * *

Os leitores lembram-se ainda da imponentissima peregrinação ao Sameiro? Aquillo enthusiasmo os catholicos e era de molde a converter todos os discipulos, ou pelo menos a obrigar-os a respeitar uma manifestação, em que tomaram parte damas e cavalheiros respeitabilissimos pela sua elevada posição social, e, o que é mais, pela sinceridade das suas crenças, em que todos, desde o mais humilde operario até ao mais nobre aristocrata, se sentiram impellidos por uma fé viva, que os guiava, e por um entranhado amor a Jesus e Maria. Não aconteceu, porém, assim... Um chamou aos peregrinos de Lisboa uns *pandegos* (!); outro entendeu, que a *perigrinação* foi um *fiasco*!... Ao primeiro respondeu o snr. D. Thomaz de Vilhena, que tambem tomou parte na peregrinação, n'uma carta publicada no «Universal». Ao ler essa carta tam conceituosa, tam prudente, tam amavel; ao ponderar os argumentos irrespondiveis, que n'ella se adduzem, para provar quam dignos de respeito são os peregrinos de Lisboa, ao receber os conselhos, que o seu auctor dá ao adversario, o snr. Alfredo Galis, que, segundo diz o snr. D. Thomaz de Vilhena, tem talento e alma generosa, ha-de arrepender-se da precipitação, com que julgou os piedosos peregrinos!... Entoe bem alto o *paenitet me*... Não fica mal a ninguém, porque—*errare humanum est*...

Ao segundo não nos consta que alguem respondesse... E assim foi bem, porque elle, o homemsinho do *fiasco*, não nos parece, que mereça resposta... Cheira a *gravoche* e por isso... á margem com elle, até que Deus o converta, como todos os dias pedimos nas nossas orações.

* * *

Mas não admira, que n'este paiz fidelissimo haja d'estas aberrações—inimigos de Jesus-Christo e da sua Egreja—;

não admira, que por entre o trigo appereça algum joio, semeado pelo atheismo ou pelo indifferentismo—é para lastimar, mas não admira, porque em todas as nações, ainda as mais catholicas existem esses inimigos, nasce esse joio. Roma tem os *italianissimos*, a França os radicaes; ha os sequazes d'Orban na Belgica, e os de Zorrilla e Pi y Margall, na Hespanha; o Equador tem a franc-maçõnaria, que assassina Garcia Moreno e o Brazil tem os modernos iconoclastas, que despedaçam as imagens de Jesus Crucificado...

* * *

E a proposito: A França, unindo-se á Egreja, proclama com enthusiasmo a immortal Joanna d'Arc, a heroína, cuja frente é aureolada pelo duplo deadema de fé e patriotismo; a maçõnaria, porem, que quereria imponentes manifestações *civicas*, se Joanna não tivesse no seu estandarte as palavras—*Jesus e Maria*—e em sua alma a fé, que a tornou grande, não quer a apothose official da heroína d'Orleans!...

* * *

Roma—Foram recebidos por S. Santidade 5:000 peregrinos italianos, que foram á Capital do mundo catholico para celebrar o centenario do nascimento de Pio IX, e os delegados de diversas sociedades estrangeiras, que contribuíram para a decoração do tumulo do immortal Pontifice da Immaculada. Leão XIII respondeu á mensagem, que foi lida, que a commemoração de Pio IX glorifica a Egreja pelas grandes obras, que recorda e porque Pio IX firmou o respeito e a obediencia para com a Santa Sé Apostolica, apezar das perfidias, que se empregaram para se desviar d'ella os fieis. O S. S. Padre renovou os elogios que teceu a Pio IX na sua primeira allocução consistorial de 1878 e acrescentou, que o tempo confirmou esses elogios.

R.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1,000 reis—Estados da India, China, e America, 1,280 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meo anno.

REDACTOR

P.^o Gaspar da Costa Roriz, Commissario da Ordem de S. Francisco

ADMINISTRADOR

Simão Neves

Redacção e administração—Rua Nova de Santo Antonio n.^o 55 a 59—GUIMARÃES.